Maria Gabriela Oliveira
Investigadora

A Reedição dos *Annales Minorum* de Lucas Wadding e a Figura de Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora

Em um colóquio todo ele dedicado a Fr. Marcos de Lisboa, o celebrado cronista franciscano e bispo do Porto nos finais do século XVI, julgamos caber, apesar dos duzentos anos que os dividem, Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora, outro franciscano no sólio da Invicta, (1739-1752) e continuador dos *Annales Minorum* (Lyon, C. Landry, 1625-1635) de Lucas Wadding. Ao lembrar o prelado de quinhentos, não ficará mal e justificar-se-á talvez, repor em foco um homem polémico, mas inegavelmente um personagem cuja obra e carreira muitas vezes ficam obscurecidas pelo realce posto no lado faustoso de seu carácter. O que, em grande parte, se deve aos encómios e narrativas heróicas do volume *Collecção dos Applausos Em Prosa E em Verso, Consagrados Ao Excelentissimo E Reverendissimo Senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca E Évora Dignissimo Bispo do Porto, Na Chegada À Sua Diocese, E Entrada que fez na cidade, no dia 5 de Mayo de 1743*[1] Lisboa, na Regia Officina Sylviana e da Academia Real, MDCCXLII, obra que regista, para além do nomeado evento, os festejos da chegada do bispo a Lisboa de volta de Roma, em 1740, assim como a visita que, pela mesma altura faz a Évora, donde era natural. Tentaremos reflectir sobre este conjunto documental eminentemente literário, na perspectiva de uma melhor compreensão do perfil de Fr. Joseph Maria em o enquadramento sócio-cultural da época.

Lembremos, em breves notas, alguns momentos decisivos e representativos do percurso do jovem José Ribeiro d'Affonseca Figueiredo e Sousa (Évora 1690-Porto 1752) desde quando estudante de Leis e Cânones, em Coimbra e em Évora até Roma e da corte papal ao bispado portuense.

Em 1711, avançado já nos estudos que empreendera, decide abraçar a vida religiosa e ingressa no Convento Seminário de Varatojo, seminário

---

1 Esta edição, datada de 1742 inicia com a chegada de D. Fr. Joseph Maria a Lisboa o que aconteceu em 1740; inclui também o volume que trata a chegada do bispo à sua diocese, o que tem, obviamente uma edição posterior.

este fundado por um seu parente, Fr. António das Chagas.[2] Poucos meses depois, estimado por todos pela «conduta exemplar» que demonstra, emite os primeiros votos. Contudo, não chega à profissão solene. O Padre Guardião sente-se obrigado a afastá-lo da comunidade e acha até melhor que José Ribeiro abandone o país. Nesse sentido, apresenta-o e recomenda-o ao Marquês de Fontes que estava de partida para Roma como embaixador de Portugal junto da Santa Sé.[3] Não há explicações claras para um tão drástico procedimento do Padre Guardião; o texto deixa entender que poderia temer-se por parte de el-rei uma qualquer acção menos favorável ao convento, caso nele mantivessem o noviço. A *História do Real Convento e Seminário de Varatojo* refere uma «falta cometida no século» que, contudo, «não seria impedimento para professar a vida do Seminário, não era crime de Lesa Magestade, nem lesivo do Erário Régio, nem tambem em damno de terceiros.»[4] Em propósito temos uma pista, uma sugestão vinda de uma nota que alude a umas certidões de nascimento falsificadas por José Ribeiro para obter um alvará de fidalguia.[5] Desta forma, em circunstâncias não muito propícias, e sem o querer, vai José Ribeiro para Roma, acompanhado de um patrono influente e com abertura aos altos meios eclesiásticos e diplomáticos. A sua vocação, porém, não se perde e, em 1714, toma o hábito franciscano em Araceli.

A breve trecho, a sua visão, tenacidade, energia e carisma hão-de orientá-lo numa carreira brilhante e fecunda. Até 1738, mais ou menos – altura em que começará a ser marginalizado ou preterido[6] – ocupa altos cargos

---

2 Fr. Manoel de MARIA SANTISSIMA, *História do Real Convento e Seminário de Varatojo*, oficina de António Alvarez Ribeiro, Porto, MCCC, vol. II, cap. XIV, 178-179.

3 Fr. Manoel de MARIA SANTISSIMA, *História do Real Convento e Seminário de Varatojo*, vol. II, ed. cit., 180.

4 Fr. Manoel de MARIA SANTISSIMA, *História do Real Convento e Seminário de Varatojo*, vol. II, ed. cit., 181-182.

5 Eugénio da CUNHA FREITAS, *Lembranças de um Padre Lóio*, in Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto, 1944, nota 1, 81-83. O autor escreve: «à margem do meu exemplar da Corografia do P. Carvalho da Costa escreveram alguns dos seus antigos proprietários curiosas notas; um deles, o conhecido linhagista Bernardo Pimenta de Avelar Portocarrero enriqueceu-o com valiosas indicações genealógicas e, a propósito da ascendência de D. Fr. Joseph Maria afirma ser falso tudo quanto o P. Carvalho da Costa indica não por erro mas por José Ribeiro «muito astuto» e «insigne imitador de letras» ter congeminado umas certidões sobre a pretensa fidalguia de seu avô paterno e assim ter requerido Alvará ao Mordomo Mor, o documento foi-lhe passado mas a tramoia descobriu-se e no Livro 4 das Mercês de D. João V o Alvará está riscado e transcrita uma ordem régia de 27-8-1711 que o manda fazer por serem falsos os documentos em que assentava o pedido. E o douto genealogista explica, «elles fugirão do Reyno e dizem forão para Roma onde o estudante he frade fran.no e se chama Fr. Joze de Evora donde he poderoso e bem aceito do Papa...»

6 Marianna Brancia DI APRICENA, *Il complesso dell'Aracoeli sul colle Capitolino*, ed. Quasar, Roma 2000, 226. (Citaremos sempre por *Il complesso dell'Aracoeli...*).

na Ordem Seráfica, entre eles o de Cronista Latino, o de Procurador Geral e em 1732, é-lhe atribuído o título honorífico de Ministro Geral da mesma; exerce, em paralelo, uma acção diplomática relevante entre a corte joanina e a Santa Sé, nomeadamente durante a ruptura de relações entre os dois estados[7] e alcança, por fim, em 1733, a elevação a Ministro Plenipotenciário de el-rei D. João V junto a Sua Santidade o Papa; entretanto é conselheiro eclesiástico de figuras reais e príncipes da Igreja Católica[8] e desenvolve uma actividade febril no campo da construcção, colaborando no levantamento de capelas, hospícios, conventos, sobressaindo entre todos a Palazzola, Santa Liberata e a famosa biblioteca Eborense no conjunto arquitectónico da colina Capitolina em Roma onde se ergue o convento franciscano de Araceli. Sublinhe-se o empenho, o saber e o dispêndio que teve com o recheio bibliográfico e documental da mesma.

Fr. Joseph Maria, como se vê, notabiliza-se por um infatigável labor intelectual e mesmo físico mas pode honrar-se de um caminho cheio de distinções em que recusa três bispados, Assis, Osimo e Tivoli e até o barrete cardinalício.[9] E, se, na sua actuação diplomática, obedece a um projecto político de Lisboa, homem inteligente e audaz, põe em prática todo um programa cultural com intervenções em vários campos, o qual, engrandecendo a Ordem a que pertence, favorece os negócios da corte de D. João V e reforça a imagem de Portugal na Santa Sé. Assim, as construções arquitectónicas de gosto e luxo suficientes a impressionar o meio, as canonizações de santos minoritas e os festejos a eles atinentes, juntamente com a divulgação de obras impressas. Aqui entra a ideia da reedição dos *Annales Minorum* de Lucas Wadding cujo valor e dimensão o frade eborense

---

7 Seria necessário, quanto a este ponto, ver a correspondência diplomática de Fr. Joseph Maria e os seus interlocutores em Portugal e em Roma. Leia-se Marianna Brancia DI APRICENA, *Il complesso dell'Ara coeli...*, ed. cit., 226.

8 É conselheiro aúlico do Imperador Carlos VI, encarregado de negócios do rei da Sardenha, por exemplo. Ver, em propósito, Diogo Barbosa MACHADO, *Biblioteca Lusitana*, Atlântida Editora, Coimbra, 1966, livro I, 125-135; Fr. Henrique FLOREZ, *España Sagrada*, por António Marin, Madrid, 1766, tomo XXI, 233-239; P. Agostinho Rebêlo da COSTA, *Descrição Topográfica e Histórica da Cidade* do *Porto*, 2ª edição, Livraria Progredior, Porto, 1941, 122; Henrique Duarte e Sousa REIS, *Achegas para a verdadeira história antiga e moderna da Cidade do Porto, in Manuscritos inéditos da Biblioteca Pública Municipal do Porto*, Porto, 1992, 199-206; Visconde de S. João da PESQUEIRA, *Palazzola*, oficinas de *O Comércio do Porto*, 2ª ed. Porto, 1904. Dedicado ao rei D. Carlos de Portugal todo o volume tem interesse para a vida e a carreira de Fr. Joseph Maria. Curioso notar que reproduz a sua certidão de baptismo e um retrato ainda muito jovem; J. A. FERREIRA, *Memórias Archeológicas históricas da Cidade do Porto, sec.VI-sec.XX*, Tomo I e II, Cruz e Comp.ª, Braga, 1923, Tomo II, 301-324; Eugénio da Cunha FREITAS, *Lembranças de um Padre Lóio*, ed. cit., 81-83; Marianna Brancia DI APRICENA, *Il complesso dell'Aracoeli...* ed. cit., 225-230.

9 Carta do jesuíta Alexandre Duarte ao cabido da Sé do Porto, 8 de Outubro de 1740, cópia em o Arquivo Distrital do Porto, série Cabido, livro 825, fls. 325-329.

conhece e alcança bem. A empresa agradar-lhe-ia sobremaneira e enquadra-se perfeitamente no desenho mental do religioso português. Wadding tinha com Portugal laços culturais já que vivera em Lisboa e professara em Matosinhos e a génese e elaboração do seu erudito empreendimento, em boa parte, se deve às *Crónicas dos Frades Menores* de Fr. Marcos de Lisboa, como sabemos. Note-se ainda que na ocasião, reeditar o frade irlandês seria tarefa útil e necessária, pois os exemplares da sua obra escasseavam e havia até o risco de que se viesse a perder.[10]

ANNALES
MINORUM
SEU
TRIUM ORDINUM
A S. FRANCISCO INSTITUTORUM
AUCTORE
A. R. P. LUCA WADDINGO HIBERNO
S. T. Lectore Jubilato, & Ordinis Chronologo
TOMUS PRIMUS
Editio secunda, locupletior, & accuratior

Fr. Joseph Maria inicia a publicação em 1731 e o primeiro volume inclui um prefácio que ele próprio redige, dirigido aos "eruditos leitores" onde lembra a urgência do projecto a que deitou mãos, invocando as razões que referimos. O que, de resto, é confirmado nas licenças à obra, assinadas por distintos franciscanos como Fr. João de Soto, então Ministro Geral da Ordem Seráfica que escreve: "Ordini universo maxime utilum..." e os P. Mateus Pareta e João Petraffita que recordam as pouca cópias de Lucas Wadding em circulação. Os volumes, em número de dezoito, abrangem a biografia de Wadding do P. Francisco Harold, fazem-se eco de críticas e polémicas dirigidas à primeira edição dos *Annales* e juntam os *Supplementa* do P. Antonio Melissano da Macro que tinham sido editados em Turim em 1710. Sabemos que Fr. Joseph Maria altera em alguns pontos o texto original e omite passagens de que o P. Rinaldi O.F.M., já no século XX, compilou uma extensa lista,[11] e, por exemplo, o número dos parágrafos em que se encontram distribuídos os assuntos de cada ano não correspondem exactamente na primeira edição e em a de Fr. Joseph Maria.[12] O trabalho, que comportava uma considerável despesa, é subsidiado no todo ou em parte por Fr. Joseph Maria, e será legítimo supor, através dele, pelos dinheiros joaninos. A reimpressão, tal como já dissemos, começa em 1731 sob o pontificado de Clemente XII e termina dez anos depois, sendo o último volume, *Syllabus*

---

10 Tal risco não nos parece muito provável se atendermos ao P. Basílio PANDZIC, O.F.M. que nos diz que a edição de Wadding se esgotou em breve tempo pois cada grande convento da Ordem a quis adquirir assim como muitas bibliotecas do Estado. O que não invalida, porém, quanto a nós, a escassez de exemplares em circulação. Cf. P. Basílio PANDZIC, *Gli "Annales Minorum" del P. Luca Wadding*, in *Studi Francescani*, Firenze, 54, 1957, 283.

11 Giuseppe ABATE, in *Miscellanea Francescana*, 40, 1940, 280.

12 Ver P. Basílio PANZIC O.F.M., ed. cit., 284.

Universus Rerum Notabilium Annalium Minorum do P. José Maria de Ancona que o dedica a Fonseca e Évora então bispo designado do Porto.[13] Esta edição mostra, de facto, um certo gosto do seu promotor pela grandiosidade já que escolhe uma feitura luxuosa com as capitais emolduradas e numerosas vinhetas, em uma encadernação requintada. Iniciativa de tanto mérito recebe louvores dos seus contemporâneos alguns deles incluidos em a *Collecção dos Applausos*...Logo nas licenças da dita *Collecção*... Filipe da Gama, Académico da Academia Real diz: «emenda com summa exacção e trabalho os erros de huma e outra estampa, Romana e Lugdunense..», considerando que tais volumes abrilhantarão um qualquer museu ou biblioteca. e são prova exemplar de seus estudos.[14].O jesuíta Alexandre Duarte em carta enviada ao cabido da Sé do Porto também se lhe refere, chamando a atenção para os documentos acrescentados e as disposições assumidas pelo frade eborense «para se ultimar esta grande Obra...»[15] Em outros passos da *Collecção dos Applausos* ... encontra-se referência a este trabalho. Há, por exemplo, um soneto em português, de Fr. Manuel do Monte Carmelo dedicado ao «continuador dos Annaes de Waddingo» e onde vem considerado como «Heroi a quem estava Reservada esta empreza esclarecida".[16]

Apesar de algumas legítimas reservas a manter sobre os pareceres e elogios tecidos em redor desta empresa – alguns por se incluirem no texto publicado, como as licenças – julgamos poder concluir que Fr. Joseph Maria, com esta reedição dos *Annales* prestou um irrefutável serviço à historiografia franciscana e à cultura em geral.

As acusações de ostentação de que é alvo devem-se, talvez, a juízos um tanto superficiais de críticos e estudiosos do século XIX e inícios do século XX[17] que se detiveram, especialmente, nas festas da sua entrada oficial na cidade do Porto em1743, sem dar o devido peso à sua acção cultural e diplomática. E será que essas celebrações extravasaram o estabelecido para uma entronização episcopal nos tempos e no contexto de uma época, a da corte de D. João V,

---

13 Em o artigo de o P. Basílio PANZIC O.F.M., *Gli "Annales Minorum" del P. Luca Wadding* há uma certa discordância quanto ao número e datas dos últimos volumes da edição de Fonseca e Évora.

14 *Collecção dos Applausos Em Prosa E em Verso, Consagrados Ao Excelentissimo E Reverendissimo Senhor D. Fr. Joseph Maria da Fonseca E Evora Dignissimo Bispo do Porto, Na Chegada Á sua Diocese, E Entrada que fez na cidade no dia 5 de Mayo de 1743*, Lisboa, Regia Officina Sylviana e da Academia Real, MDCCXLII. s/p. (Citaremos sempre por *Collecção dos Applausos*...)

15 Arquivo Distrital do Porto, Livro 825, Roteiro de Particulares, fls. 325.

16 *Collecção dos Applausos*...ed. cit., 115

17 Entre estes críticos sobressai Camilo CASTELO BRANCO em *Cavar em Ruínas*, Livraria Editora, Lisboa, 1903, 87-101. Outros autores enfatizam as festas de entrada do bispo na cidade do Porto e deixam um pouco de lado todo o válido trabalho que Fr. Joseph Maria efectivamente realizou. Lembramos o professor António CRUZ e o artigo *O Fausto dum Bispo do Porto no séc. XVIII*, in *Boletim da Câmara Municipal do Porto*, fasc. I, vol. II, Março de 1939, 214-235.

em que escorria o ouro do Brasil e uma qualquer manifestação se revestia do maior luxo? Procuremos situar-nos em primeiro lugar no tempo e depois na particular conjuntura da ocupação do sólio do Porto em 1743.

O reinado do Magnânimo reúne as condições políticas e económicas propícias aos excessos, às pompas das cerimónias civis e celebrações religiosas pelas quais o povo se deixava envolver Adentro de uma «sensibilidade barroca» – tardia em relação à Europa ocidental – continua a procurar-se uma afirmação do poder através de grandes espectáculos visuais em que concorrem para um total deslumbramento dos sentidos, a cor, a música, a dança a teatralidade, a cenografia. Naturalmente, as festas de entrada de um bispo na sua diocese não poderiam deixar de dar azo a manifestações grandiosas, segundo o uso e o gosto do momento.

E, no Porto, em 1743, existia uma particular e delicada situação. O bispado estava em sede vacante havia vinte e quatro anos devido a dois incidentes entre D. João V e a Santa Sé. A recusa do barrete cardinalício ao núncio apostólico cessante em Lisboa, monsenhor Bicchi, após pedido formal do monarca, e a querela da apresentação dos bispados «ad presentationem» ou «ad suplicationem» como até aí era costume. As questões que levam à ruptura com a corte papal prolongam-se até 1738 e, no ano seguinte, o rei procede à nomeação de bispos inclusivé o do Porto cuja escolha recai em Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora então Ministro Plenipotenciário do rei português em Roma, como se referiu.

Deixemos de lado o delicado momento que atravessa o cursus vitae et honorum de Fr. Joseph Maria e atendamos à cidade do Porto onde, de um lado, temos o cabido da Sé poderoso e fortalecido por mais de duas décadas de mãos livres mas simultaneamente, com desejos de ver reposta a hierarquia. Em uma carta de 1743 do cabido do Porto ao cónego doutoral da Sé de Coimbra manifesta-se o «alvoroço com que impacientes o espera-mos (sic) nesta Diocese». Por outro lado, toda a cidade está expectante e receptiva, muito honrada com a feliz escolha do novo prelado e curiosa, talvez desmedidamente curiosa, de ver e conhecer pessoa de tão grande nomeada e regressado de um mundo nimbado de santidade e turvado de alguns excessos (o que, quanto a nós, completaria a curiosidade geral). Todavia, serpenteava entre os cónegos um ar de desconfiança e intrigas que, a breve trecho, se tornará danoso para o ansiado bispo Não obstante, logo que nomeado, D. Fr. Joseph Maria escreve do convento de Araceli a 13 de Maio de 1739 a aceitar o cargo; em Dezembro de 1740 participa a chegada à corte portuguesa, envia missivas de cumprimentos durante a viagem de Lisboa ao Porto, estabelece atempadamente o dia da sua entrada pública na cidade, sempre amável e em absoluto acordo com as normas vigentes.[18] El-rei D. João V,

---

18 Arquivo Distrital do Porto, Fundo monástico, Roteiro de Particulares, fls. 323; Fundo monástico, série cabido, fls. 14v e fls. 15r.

por sua vez, faz chegar ao cabido e ao juíz, vereadores e procurador da Câmara da cidade do Porto, ofícios com instruções precisas sobre o modo de receber o bispo na dita entrada pública, escalonando quem deve, no cortejo, ir às varas do pálio e atrás da bandeira da urbe e, acentuando que todos os cidadãos «sem que os escuze algum privilégio» hão-de acompanhar os bispos por essa ocasião e, recomendando que tudo seja preparado para correr em boa ordem e segundo o estabelecido pela lei eclesiásticas.[19] Logo, quer o cabido, quer as autoridades civis e militares, mais o povo e a fidalguia conjugam esforços para acolher o prelado sem olhar a despesas. Alguma coisa da grandeza das recepções a D. Fr. Joseph Maria em Lisboa e em Évora havia chegado aos ouvidos da Sé e da Câmara. O Porto deve, por obrigação, com o brio consueto, ultrapassar os festejos até aí organizados. Afinal o bispo era o seu!

Pode, agora, questionar-se se D. Fr. Joseph Maria intervém directamente no planeamento e gastos da festa. Certos panegiristas insinuam na *Collecção dos Applausos...* que, realmente, dirigiu as cerimónias; o cónego Moraes Alão, escreve: «e dirigindo/o triunfo da entrada gloriosa [...]Nas cerimonias todas instruindo/Não se negando a acção laboriosa...»[20] Homem de fino trato, de larga experiência diplomática, habituado à etiqueta da corte papal e a à preparação de festejos comemorativos[21] e com um apurado sentido da alta dignidade que irá ocupar, naturalmente, toma algumas disposições mas a documentação de nada nos informa sobre o assunto, apenas fornece alguns pormenores de somenos importância.

Regressemos ao cenário de 5 de Maio, às três da tarde. Tudo pronto para a solene e pública entrada do bispo na capital da sua diocese e tudo de acordo com a lei eclesiástica e as ordens reais, é bom que se recorde. A narrativa do evento consta da *Collecção dos Applausos...* que vimos a citar e em alguns artigos que nela se baseiam. Aqui tentamos destacar certos momentos que nos parecem mais sugestivos. Fa-lo-emos através de relatos contemporâneos: dois encómios, o poema histórico – panegyrico *Porto Glorioso* de Martinho Lopes Alão, cónego prebendado da Sé do Porto e a *Narração Heroica* da entrada do bispo por Thomaz António de Menezes a que se juntam duas folhas anónimas e sem data guardadas no Arquivo Distrital da cidade, muito provavelmente escritas por quem assistiu e participou nos festejos. Na perspectiva a que já aludimos de uma mais clara visão da personalidade de Fr. Joseph Maria e do que foi chamado o seu "obrar excessivo e pomposo" tentamos encontrar razões que, realmente,

---

19 Arquivo Histórico do Porto, Livro 14 das próprias, fls. 65 e fls. 66. Livro 2 das chapas, fls. 34.

20 *Collecção dos Appalusos....* ed. cit., 200.

21 Marianna Brancia DI APRICENA, *Il complesso dell'Aracoeli...* ed. cit., 226.

apoiem este tipo de juízos. Quanto se descreve em a *Collecção dos Applausos*... caberá no âmbito do real ou da retórica? Os dois aspectos podem não se contradizer.

O cónego Alão, em uma pequena nota introdutiva ao seu poema, começa por atribuir os adjectivos «magnífica» e« indescritível» à entrada de 5 de Maio. Leva o seu entusiasmo – ou tentativa de adequar a rima – ao ponto de exclamar que Fr. Joseph Maria «Mayor nome merece e mayor fama/Que Eneas, Godofredo, o Grego e o Gama...»[22], sem deixar de lembrar o vazio da cadeira episcopal: «Sois a gloria que o Porto appetecia/ com affecto, e com ancia bem notoria...»[23]. Vejamos, rapidamente, a adesão popular à cerimónia. A cidade acorre em peso a assistir e usufruir do espectáculo. Dando crédito a Alão: «Do Porto toda a plebe alvoroçada [...]Dos gloriosos eccos attrahida/a cidade deixava despovoada/solitario deserto convertida.../ Assim, Nobreza e Povo o acompanhavam/Enchendo os valles, e coroando os montes...»[24] Era domingo... Primavera amena... oferecia-se a oportunidade de quebrar a rotina do quotidiano com uma festa de arromba, poucos resistiriam a um tal chamamento. Necessariamente, o visual da cidade transforma-se, ainda que de maneira efémera. Os edifícios aparecem engalanados com toldos, tapeçarias, colchas, flores e luminárias. E o cónego bem o assinala: «Com as tapeçarias preciosas/Se vião as janellas bem ornadas/E as ruas como então nunca vistosas/Todas estavam com primor toldadas...» [25] Thomaz de Menezes completa a descrição com uma estrofe «perfumada». «Parecem as janellas ramilhetes/De rosas, açucenas, e de lírios/ Bemmequeres, jasmins e várias flores/Com amores perfeitos enxeridos...»[26]. A cor e o perfume a inibriar os sentidos como se deseja, se programa em a «festa barroca».

Recordemos que o aglomerado urbano portuense subia – e sobe – do rio Douro para a Sé Catedral, conventos, igrejas, ruas e praças... Ora, o prelado chega vindo do lado sul do país, pernoita em Vila Nova de Gaia, no convento franciscano de S.to António do Vale de Piedade na margem esquerda do rio, é obrigado a passar por via fluvial para a margem direita, isto é, para entrar na cidade. A travessia do Douro constitui um dos momentos altos das festas. Continuando a seguir os autores referidos, sabemos que D. Fr. Joseph Maria toma um escaler de bom tamanho, ricamente atapetado em os tons verde e ouro – escaler que depois passa a propriedade do bispo que o baptiza com o nome de Senhor D'Além[27] –

---

22 *Collecção dos Applausos*... ed. cit., 183.
23 *Collecção dos Applausos*... ed. cit., 191.
24 *Collecção dos Applausos*...ed.cit., 196.
25 *Collecção dos Applausos*... ed. cit., 203.
26 *Collecção dos Applausos*... ed. cit., 222.
27 António CRUZ, *O Fausto dum Bispo do Porto no séc. XVIII*, ed.cit., 231.

e, por entre alas de embarcações nacionais e estrangeiras «embandeiradas e de velas soltas», ao rimbombar das salvas de artilharia do forte da Praça Nova, das fortalezas de S. João da Foz e do Castelo do Queijo, cruza as águas e desembarca na antiga praia de Miragaia. Manoel de Oliveira Ferreira, outro panegirista do volume em causa, diz: «Estremece o Douro arrebatado/ Em suas aguas vendo hum tal Prelado,/A beijar-lhe os pés foy, abrindo as margens...»[28]

Torna-se necessário levantar algumas construções de carácter prático mas não há notícia de quaisquer arcos triunfais ou de edificações do género, apenas uma ponte de madeira para o desembarque e na Praça Nova ergue-se uma tarima.

Formado o cortejo – a que chamam «procissão», «triunfo» ou simplesmente «cabalgata» – «com pompa egregia e fausto peregrino» segue-se o trajecto da praxe e nele se incorporam as autoridades civis e militares, comunidades religiosas, representantes da fidalguia e dos ofícios do burgo. O bispo, conforme as vicissitudes do terreno, vai de cadeirinha, de mula e a cavalo, sendo os animais de pelagem branca. As montadas do prelado merecem uma especial atenção e um e outro encómio a elas se referem: «O bruto irracional alma de neve/Mansa mulla que assim melhor a pinto,/ Em branco lhe sahio a boa sorte/Para levar o premio mais subido».[29] O cavalo designa-se por «animado arminho» e em um outro passo os versos cantam: «No cavallo nevado vem airoso/Já o rayo do Sol da Aurora riso,/ Em pérolas, e luzes remontando,/A cada instante as bênçãos repetindo...»[30].

Na Praça Nova, como atrás dissemos, esperava-o uma tarima com cem palmos de comprido e quarenta de largura, armada com panos de rás e o docel coberto de sedas. Sobre a tarima um trono de três degraus em que assentavam a cadeira pontifical e os lugares para os dois cónegos assistentes e o deão. Duas credências ladeavam este trono e em uma delas repousavam seis mitras trazidas de Roma pelo bispo. Aqui temos, sem dúvida, um sinal inequívoco do gosto pelo esplendor das riquezas por parte do franciscano eborense.[31] Retomando o cónego Alão vemos nas suas palavras o assombro causado pelos paramentos: «De pedras preciosas, e ouro mero/Seis Mitras se seguião, que humilhava/De Eneas cada huma o ramo de ouro/E de Hercules o Hesperido Thesouro.»[32] Thomaz de Menezes também lhes acentua

---

28 *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 126.

29 *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 220-221.

30 *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 225.

31 Temos notícia certa de uma crossa de báculo de prata de autoria de Antonio Arrighi e que Fr. Joseph Maria terá trazido consigo de Roma. Ver *Cristo, Fonte de Esperança*, Exposição do Grande Jubileu do Ano 2000, Catálogo, Diocese do Porto, 2000, 410.

32 *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 209.

o valor: «Admira-se então nas seis sesteiras/De veludo o valor das Mitras cinco,/Com mais huma, e nas seis o precioso/Inda passa de assombro o seu prodigio...»[33] As vestes do prelado destam também alguma admiração pelo seu requinte e esplendor.

O cortejo termina na Sé Catedral ao cair da noite, com beija-mão dos cónegos e do deão.

Por três dias houve luminárias, repiques, outeiros e encamisadas na cidade. Um sentimento difuso de assombro e encanto transparece nas várias composições literárias dedicadas ao bispo ou à sua entrada na cidade – «Dia de triunfo, gloria, gosto, applauso/Colunna da mayor felicidade/Emque se vio o Ceo na terra aberto/e tudo admiração, tudo milagres.»[34]

Pintura a óleo sobre tela.
João Glama Stroberle assinado e datado em 1749.
Conserva-se na cidade do Porto no Salão Nobre da Igreja dos Clérigos.

Bastarão as laudatórias da *Collecção dos Applausos...* de que se fazem eco autores mais chegados ao nosso tempo como o Visconde de S. João da Pesqueira que considera os festejos «uma apoteose em vida»[35] ou o P. Rebêlo da Costa que os compara «aos grandes triunfos com que Roma recebia os seus imperadores»[36] para concluir que atingiram o desmedido, o excessivo, o extraordinário, na magnificência das celebrações? A abordagem de documentos emanados do cabido permite equilibrar e recolocar os desmesurados – esses sim – elogios dos vários poemas, epigramas, narrações heróicas registados no volume que vimos seguindo. Em papéis conservados no Arquivo Distrital do Porto – contemporâneos do evento – vem descrito o brilho das cerimónias tal como as circunstâncias o exigiam mas sublinhando o devido, o costumado, o usual sem que haja destaque para algo de extraordinário em relação ao que constituía, precisamente, esse devido e costumado. Quanto aos actos litúrgicos, pontua-se que se observou o cerimonial romano e repetem-se as expressões «conforme o costume», com a «formalidade que costuma

33 *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 225.

34 Manuel de Oliveira FERREIRA, *Collecção dos Applausos...* ed. cit., 127.

35 Visconde de S.João da PESQUEIRA, *Palazzola*, ed. cit., 114.

36 P. Agostinho Rebêlo da COSTA, *Descrição Topográfica e histórica da Cidade do Porto*, ed. cit., 122.

praticar-se», «na forma do estilo».[37] Ao reflectirmos sobre as entusiásticas descrições da *Collecção dos Applausos...* pode perguntar-se qual a verdadeira dimensão dos luxos do bispo; seria ele próprio homem – se bem que não necessariamente simples – tão faustoso como o descrevem os panegiristas, o seu perfil corresponderia à imagem que dele nos foi deixada?

Outros relatos do cabido da Sé, a poucos anos do sucedido, dão-nos notícia de entradas e cortejos que igualam e até ultrapassam os de D. Fr. Joseph Maria. Por exemplo, a entrada do sucessor do franciscano, D. António de Sousa, em 1756 e a passagem pela urbe do Primaz de Braga, D. Gaspar de Bragança. Este último merece escaler no rio com desfile de embarcações engalanadas, ponte de madeira atapetada e desfile em «um magnífico coche puxado a seis poderosos urcos e de que constavam noventa e três carruagens»; a cidade também se ornamentou de «excelentes sedas e ricas tapeçarias» e o chão juncou-se de ervas aromáticas.[38] Para estes personagens e estas celebrações não temos, porém, toda uma obra que registe e exalte os passos mais importantes e que assinale as pompas... contrariamente ao que se passa com D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora e a edição dos volumes com o relato da sua chegada a Lisboa e os festejos consequentes, a visita a Évora, sua cidade natal e as festividades que por lá se lhe fizeram e a entrada pública na capital da sua diocese, volumes que vêm a formar a *Collecção dos Applausos...*, o conjunto de textos em prosa e em verso dedicados à sua pessoa que temos vindo a seguir. Considerando o que, até ao momento, se apreende do carácter e atitudes do frade e bispo eborense poderá dizer-se que um tal trabalho se deve à sua iniciativa e protecção. Como um gesto de ostentação? Como um gesto habitual de registo de sucessos que, directamente interessavam à Ordem franciscana e à história eclesiática do reino? Um não elimina o outro e o resultado oferece, hoje, um interessante fundo de consulta do ponto de vista literário e histórico. Filipe da Gama, a quem já aludimos, chama aos volumes «três Monumentos como se fossem de bronze em que a posteridade lerá, admirada, das grandes virtudes deste grande homem.»[39]

Interrogamo-nos sobre o luxo excessivo e a pompa extraordinária das festas de entrada de D. Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora na cidade do Porto, relativamente à época e ao nosso país, como se depreende. Julgamos de descartar o excessivo e o extraordinário embora se lhe apliquem

---

37 De acordo com os documentos citados, folhas anónimas do Arquivo Distrital do Porto.

38 Arquivo Distrital do Porto, Fundo monástico, livro de registo de cartas, fls. 96v-100 v. e fls. 112v-114v.

39 Filipe da GAMA, *Collecção dos Applausos...*, ed. cit., páginas introdutórias.

os epítetos de magníficas e esplendorosas. Tudo, porém, dentro dos parâmetros da normalidade ao tempo e a categoria do personagem a quem são dedicadas mais o aprazimento da urbe portuense porque, finalmente, a cidade tinha bispo e via, assim, completado o seu quadro hierárquico. De igual modo, ajuizamos precipitado concluir, por certos gestos de inequívoco fausto, que tudo quanto Fr. Joseph Maria da Fonseca e Évora obrava era «ostentação pomposa» e sobretudo vã ostentação. Se o frade e o bispo não constituem um modelo de despojamento franciscano, haverá que sublinhar o mecenato notável que Fr. Joseph Maria desenvolve em prol das letras e das artes, ele próprio autor de vários títulos,[40] admitido como sócio em várias Academias, a *Etrusca* de Cortona, a dos *Árcades* e a *Infecunda*, também italianas e *Academia Portuguesa de História*. Por fim, o trabalho de promotor da reedição dos *Annales Minorum* de Lucas Wadding, como assinalámos, coloca-o, por si só, em lugar distinto da cultura portuguesa, melhor dizendo, da cultura europeia.

---

40 Os títulos atribuídos a Fr. Joseph Maria encontram-se, principalmente, em Diogo Barbosa MACHADO *Biblioteca Lusitana*, ed.cit. vol. I, 134-135. Ver também Marianna Brancia DI APRICENA, *Il complesso dell'Aracoeli...* ed. cit., nota 6, 259.